Terrorismo
Módulo H18 - Tópico03

Pluralidade Cultural
Terrorismo: herança do século XX e reflexão necessária no XXI

Neste início do século XXI o mundo vive um recrudescimento do terrorismo que repercute na economia mundial e ameaça levar a guerra a várias partes do mundo e, principalmente, alimenta a intolerância entre as diversas culturas e as opiniões apaixonadas a favor de um ou de outro lado em litígio.

Séculos de busca de aprimoramento cultural, de tentativas de convivência entre os povos e de reflexão no sentido de criar nas pessoas a noção de que a história não tem um sentido único, que as várias sociedades existentes no tempo e no espaço organizaram-se de acordo com costumes e valores que lhes pareceram os mais adequados, são pulverizados instantaneamente para, em seu lugar, se colocar a opinião intransigente, a visão maniqueísta das relações interculturais. Não devemos nos iludir, sob a Lua não existem inocentes, cada cultura, a seu modo, contribui para a paz e para a guerra, para o pacifismo e para a violência.

O discurso inflamado, irracional, que coloca de um lado anjos e de outros demônios – fartamente usado pelas ideologias em confronto – serve apenas aos que se beneficiam do terrorismo e da guerra. Um terrorista (assim como um general de Exército) não é a totalidade da Nação da qual ele provém. Tanto isso é verdade que observamos por todo o mundo pessoas, das mais variadas tendências políticas e credos religiosos, se organizando em manifestações contrárias a qualquer ato de violência.

Qualquer ato terrorista tem de ser repudiado sem qualquer atenuante, e os responsáveis por ele devem ser punidos com todo o rigor da lei. Mas nos falta ainda definir quais são os atos classificados na categoria de terrorismo. Explodir uma bomba em um local público é, sem equívoco, um ato terrorista; mas, e deixar morrer à míngua uma grande parcela da população (mundial ou nacional) enquanto a outra parcela vive na saciedade absoluta e no desperdício? E negar instrução a milhões de crianças enquanto os governos gastam fortunas incalculáveis em armas? Como classificar esses atos? A fome e a ignorância são, também, duas formas de terror.

Portanto, o que precisamos fazer com urgência não é nos colocarmos em defesa de uma ou de outra facção, sejam quais forem os grupos em guerra. O que precisamos fazer, antes de tudo, é refletir, analisar amplamente o contexto criado pelas várias Nações que justificam seus atos criminosos como legítimos.

O filósofo e escritor Umberto Eco, refletindo sobre os acontecimentos ocorridos na segunda metade do ano de 2001, escreveu que para julgar uma cultura é preciso definir parâmetros (por exemplo, é bom ter desenvolvimento tecnológico ou é bom abrir mão da tecnologia em defesa do ambiente natural?) e que uma das grandes conquistas da sociedade ocidental foi perceber que esses parâmetros são variáveis e muitas vezes contraditórios. Ou seja, percebemos a relatividade da verdade. “O parâmetro de tolerância da diferença é certamente um dos mais fortes e menos discutíveis, e nós julgamos madura a nossa cultura porque ela sabe tolerar a diferença e julgamos bárbaros aqueles que pertencem à nossa cultura e não a toleram.” (ECO, Umberto. “Simplificação gera guerras santas”. In: Folha de S.Paulo, 7.10.2001)

Mas o princípio da tolerância e o reconhecimento da necessidade de usarmos parâmetros variados não nos desobrigam de nos colocarmos contra o que é inaceitável em qualquer sociedade, como a fome, o terrorismo, a crueldade, a corrupção, as mutilações, o racismo ou o abandono em que são deixadas milhões de crianças. Fora do âmbito de questões dessa natureza, as demais devem ser pensadas levando-se em consideração as diversidades culturais: “A escola deve ensinar a analisar e a discutir os parâmetros sobre os quais se sustentam nossas afirmações passionais” (ECO, Umberto. Op. cit.), porque derivar para a defesa irracional e apaixonada pode criar novos focos de destruição humana.

Condenar os atos terroristas, qualquer que seja a doutrina política ou credo religioso que lhe tenha dado motivação, é indiscutível; o que se deve evitar é mergulhar nas paixões ou ancorar-se em versões dos fatos difundidas como “verdades absolutas”, em face do medo que nos acomete quando nos deparamos com atos que provam que muitos dos caminhos escolhidos pela humanidade não estão corretos; mas, “… é justamente nos momentos de desorientação que é preciso saber usar a arma da análise e da crítica, das nossas superstições e das dos outros. Espero que essas coisas se discutam nas escolas e não apenas nas coletivas de jornalistas”.

ECO, Umberto. Op. cit.